

PAULO FREIRE NA ESCOLA

SÉRIE CADERNOS PEDAGÓGICOS Nº2/2021



PAULO FREIRE: ENSINAR EXIGE DIÁLOGO

Targelia de Souza Albuquerque

PAULO FREIRE NA ESCOLA

SÉRIE CADERNOS PEDAGOGICOS Nº 2/2021

PAULO FREIRE NA ESCOLA: ENSINAR EXIGE DIÁLOGO

Targelia de Souza Albuquerque

**CAMPANHA NACIONAL E INTERNACIONAL RUMO
AO CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE**

PROJETO: PAULO FREIRE NA ESCOLA

INSTITUIÇÕES PROMOTORAS: CPFREIRE – SINTEPE – SINPROJA

INSTITUIÇÃO CONVIDADA - PUC/MINAS (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS. PROJETO LER COM REFUGIADOS E MIGRANTES)

COORDENAÇÃO COLEGIADA: Natália de Souza Albuquerque (CPFREIRE e USP/SP); Inez Fornari de Souza (CPFREIRE); Séphora Freitas (SINTEPE; SINPROJA) e Targelia de Souza Albuquerque (CPFREIRE, UFPE, FACHO)

COLABORADORAS: Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Nayde dos Santos Lima (CPFREIRE)

AUTORA dos textos 1, 2, 3, 4 , 5: Targelia de Souza Albuquerque (CPFREIRE)

AUTORAS do texto 6: Targelia de Souza Albuquerque e Karla Fornari de Souza (CPFREIRE)

REVISÃO TÉCNICA: EQUIPE DE COORDENAÇÃO E COLABORADORAS.

ILUSTRAÇÃO: Marcelo Figueiredo

PROJETO GRÁFICO: Henrique Carvalho/Tempus Comunicação

IMPRESSÃO: Gráfica Três Reis

LOCAL E ANO DE PUBLICAÇÃO: RECIFE/2021

APRESENTAÇÃO

Sejam bem-vindas/os ao Projeto Paulo Freire na Escola! Estamos caminhando rumo ao centenário de Paulo Freire e este projeto colabora com a formação continuada de professoras/es à luz de seu pensamento.

O objetivo central deste projeto é construir espaços dialógicos com professoras e professores de todo o Estado de Pernambuco, para conhecerem e aprofundarem a Pedagogia Paulo Freire, tornando-a práxis no cotidiano de suas vidas. É um convite para dialogar sobre suas contribuições para um projeto de Educação/Escola substantivamente democrática.

Este projeto está sendo organizado por uma coordenação colegiada, formada pela Profa. Dra. Targelia de Souza Albuquerque (Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas), pela Dra. Natalia de Souza Albuquerque (Universidade de São Paulo), pela Profa. Inez Fornari de Souza, diretora Administrativa do Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas e pela Profa. Séphora Freitas, diretora do SINTEPE e vice presidenta do SINPROJA. Ele será uma oportunidade de estimular nossa participação interdisciplinar, religando vários saberes de diferentes áreas do conhecimento, construindo uma problematização crítica sobre nosso fazer educativo cotidiano e a própria razão de ser da escola, da educação.

Aqui, contaremos com dois momentos principais: 1. Leitura e anotações crítico-propositivas de um texto que aborda categorias da Pedagogia Paulo Freire, articulando teoria e prática. 2. Para aprofundar a compreensão, tirar dúvidas e debater ideias e práticas, organizaremos Lives com a participação de convidadas/os estudiosas/os de Paulo Freire.

O tempo de cada Live será de 60 minutos, sempre começando às 19h. As lives serão transmitidas simultaneamente em diversos canais. Vocês terão acesso a elas por meio do **Instagram @muitomaisperguntasquerespostas**, pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **SINTEPE**, pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **CPFreire** e pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **SINPROJA**. A pesquisadora Natalia de Souza Albuquerque será a mediadora.

Este projeto conta com a colaboração de diversas pessoas do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisa, do SINTEPE e do SINPROJA. Para saber mais sobre essas instituições, que nos ajudam a dar vida ao Projeto “Paulo Freire na Escola”, e entender o papel crucial que elas têm na produção de conhecimento e na luta por uma Educação substantivamente justa, ética e democrática, nós a/o convidamos a ler os textos a seguir.

Um abraço fraterno,
Coordenação Colegiada

Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas

O Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, doravante denominado CP-Freire, fundado em 29 de maio de 1998, é uma associação civil, sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 03.709.317/0001-90.

A Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, berço no qual Paulo Freire iniciou seu sistema educacional, solidária com os objetivos do CPFreire e entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Sua sede está localizada no Campus Recife, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Educação, Sala E004.


O CPFreire tem como finalidade educativa e cultural manter em circulação e vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Objetiva promover atividades educacionais e culturais populares, cursos de formação continuada de professoras e professores, visando divulgar o pensamento do educador Paulo Reglus Neves Freire, aprofundar estudos sobre sua obra e trajetória política, construir conhecimentos, tomando como referencial sua contribuição para a Educação, oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012, proclamando-o **Patrono da Educação no Brasil**.

Dentre as diversas ações realizadas pelo CPFreire, vem ocupando espaço relevante o **Colóquio Internacional Paulo Freire**, que já segue para sua XI versão. Em 2021 estaremos realizando a 2ª edição dos Pré-Colóquios em alguns municípios do Brasil e do exterior. Ressaltamos que devido ao agravamento da pandemia da Covid-19, os Encontros estão sendo realizados remotamente.

O I Colóquio Internacional Paulo Freire foi realizado em 1998. Sua avaliação positiva, assim como a das versões que o sucederam são indicadores da contribuição do CPFreire à criação da prática de uma ação educativa e cultural para a liberdade, que se consubstancia em uma educação dialógica, base de uma democracia plena com maior compreensão entre os povos. Estes Encontros se constituíram em um espaço privilegiado de troca de experiências, de produção de conhecimentos, processos de estudos e pesquisas que propiciam a construção de novos conhecimentos e saberes.

Assim, de dois em dois anos, reúnem-se estudiosas(os) do pensamento freireano, educadoras(es) de vários níveis, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, especialmente da educação popular e da saúde, provenientes de várias partes do mundo, principalmente da América Latina, África, Europa e de vários Estados brasileiros.

A Diretoria e o Coletivo Paulo Freire esperançosa(o), com apoio das(os) parceiras(os): UFPE, PROExC, CE, Cátedra Paulo Freire, FAFIRE, Fóruns de EJA, SINTEPE, SINPROJA organizam e realizam os Pré-Colóquios Rumo ao XI Colóquio Internacional - **100 ANOS DE PAULO FREIRE: da leitura de mundo à emancipação dos povos, para 16, 17, 18 e 19 de setembro de 2021. VAMOS ESPERANÇAR JUNTAS E JUNTOS?**

 www.centropaulofreire.com.br

 [cpfreire_pe](https://www.instagram.com/cpfreire_pe)

 [C Paulo Freire](https://www.facebook.com/CPauloFreire)

 www.youtube.com/channel/UCtjML4cSFA2HKQyTan4bnv

SINTEPE

O Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (SINTPE), filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), foi fundado no dia 26 de março de 1990, após um congresso de unificação. A constituição do SINTEPE fundiu forças importantes em uma só luta: Associação dos Professores do Ensino Oficial de Pernambuco (Apenope), Associação dos Supervisores do Estado de Pernambuco (Assuepe), Associação dos Orientadores Educacionais de Pernambuco (Aoepe) e a Comissão dos Administrativos. Mais recentemente passamos a representar também os/as analistas educacionais.

Atualmente, a entidade representa a maior categoria do Estado, com 75.242 mil servidores(as) (ativos e aposentados), dos quais mais de 22 mil são filiados/as. Nossa atuação abrange todo o Estado de PE, com 13 núcleos regionais, além da sede, localizada em Recife.

Nesses 31 anos de existência do SINTEPE, a luta dos/as trabalhadores/as em educação tem sido por melhores salários e por condições de trabalho. Mas, a sua pauta não se resume as questões corporativas. Temos a certeza de que, para alterar a realidade brasileira, é preciso o envolvimento da categoria em outras demandas, relacionadas a busca por justiça social e igualdade de oportunidades para a classe trabalhadora.

A unidade dos/as trabalhadores/as em educação sempre foi fundamental para as conquistas coletivas, utilizando os caminhos possíveis, como o diálogo, a negociação, a ocupação das ruas e, hoje ainda mais, os meios tecnológicos. Os percursos são sinuosos. Tivemos avanços e retrocessos. Em nossa histórica, nunca faltou perseverança e disposição, o que nos dá a certeza de que a luta vale a pena.

O SINTEPE tem por princípio a defesa de uma educação pública, democrática, inclusiva e libertadora e, por isso, segue o ideal freireano, que reconhece educador/a e educando/a como sujeitos do processo educacional. Assim, no ano do centenário do Patrono da Educação Brasileira, abraçamos o **Projeto Paulo Freire na Escola**, como forma de mobilizar a sociedade a organizar-se para mudar o mundo. **Venha esperar conosco e fortalecer a resistência!**

SINPROJA

O SINPROJA completou 28 anos, cultivando valores como compromisso, solidariedade, unidade, lutas e conquistas que marcaram sua trajetória desde 1984, quando ainda era APROJA – Associação dos Professores do Jaboaão.

Sua história começou num tumultuado momento da política local, marcado por intervenções no município e demissões de professores(as), passando por momentos importantes, que marcaram o início da reorganização política da categoria, ao transformar-se, através de uma assembleia histórica, no demolido Clube Jaboaonense, em SINPROJA- Sindicato dos Professores do Município do Jaboaão dos Guararapes, em 30 de março de 1993. E, posteriormente, com a unidade entre professoras(es) e funcionários/as da educação na base da categoria, alcançada a partir do III Congresso, em 05 de outubro de 1999, que vai consolidar sindicalmente o formato que possui até hoje, de congregar todos os trabalhadores e trabalhadoras em educação em sua base.

Filiado à Central Única dos Trabalhadores(CUT) e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação(CNTE), o SINPROJA abraça e encaminha as deliberações nacionais, de forma contundente e destacada. Sua história mostra um legado de grandes conquistas, tais como: o Estatuto do Magistério, em 1995; Realização da I Conferência Municipal da Educação em 2000; Conquista do Plano de Cargos e Carreira (PCC) dos Professores em 2002 e do Plano de Cargos, Carreira e Vencimentos dos Administrativos em 2008; a Lei do Piso Salarial do Magistério etc.

Jaboaão dos Guararapes fez parte das andanças de Paulo Freire, integrando o roteiro de suas reflexões e inspirações. Ele continua vivo, tendo o SINPROJA como herdeiro dos seus ideais, atuando na propagação de seu pensamento, seja nos cursos de formação política e sindical que realiza, seja nos fóruns educacionais que seus dirigentes participam, bem como em suas ações de luta em defesa da democracia e da garantia de direitos.

Nesse sentido, o SINPROJA se incorpora a mais uma iniciativa de comemoração ao centenário de Paulo Freire, levando para as escolas do Município, através desses Cadernos Pedagógicos, as grandes contribuições do Patrono da Educação Brasileira e acreditando que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. O sonho coletivo é a transformação em processo de realização. JUNTAS(OS) SOMOS FORTES!

CRONOGRAMA DAS LIVES, COM RESPECTIVAS TEMÁTICAS

- Live 1. Dia 29/05 - Temática: Paulo Freire na Escola: uma história de vida em defesa da vida.
- Live 2. Dia 26/06 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige diálogo.
- Live 3. Dia 28/08 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige respeito e autonomia aos saberes e à autonomia do ser dos(as) educandos(as) e educadores.
- Live 4. Dia 02/10 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar e aprender exigem a curiosidade epistemológica e o pensar certo.
- Live 5. Dia 06/11 – Temática: Paulo Freire na escola: Ensinar exige ouvirtude e amorosidade
- Live 6. Dia 04/12 – Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige criatividade e esperança
- Live 7. Dia 11/12 - Para a Avaliação dialógica do Projeto Paulo Freire na Escola: A vez e a voz dos(as) professores(as).

Para quem participar efetivamente das seis lives, serão entregues Certificado de participação pelo Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisa e SINTEPE e SINPROJA.

PAULO FREIRE NA ESCOLA: ENSINAR EXIGE DIÁLOGO

Targelia de Souza Albuquerque
targeliaalbuquerque@gmail.com

APRENDENDO A DIALOGAR NO CAMINHO...

Caras(os) colegas educadoras(es) estamos caminhando rumo ao centenário de Paulo Freire no dia 19 de setembro de 2021. São cem anos de muitos desafios na área de Educação, no Brasil e em diferentes países do mundo. Nós precisamos ocupar a escola com o pensamento freireano em diálogo com autores, que nos auxiliem a problematizá-la.

Problematizar para Paulo Freire é um ato coletivo de se conhecer a realidade concreta, situar-se nela e aprofundar a compreensão dos fenômenos que a constituem e dos sujeitos humanos nelas inseridos. Investigar sobre o universo temático, as principais preocupações, os seus modos de vida, de pensar, quais os olhares sobre as situações cotidianas. A partir da identificação das problemáticas, assumir uma postura crítica diante de cada uma delas, formulando várias perguntas e escutando sempre: por que é um problema? Para quem? Quem está envolvido ou sendo atingido direta e indiretamente? O que será necessário para compreendê-lo em suas múltiplas facetas? Quais são as soluções possíveis? Quem pode fazer o quê? Quais as decisões que precisam ser tomadas? Quais as consequências? Enfim, um olhar crítico sobre a realidade, significa imergir nela, compreendê-la em suas contradições e emergir com novos olhares, novas visões para poder transformá-la. Em síntese, um dos primeiros passos da compreensão da realidade é problematizá-la. A problematização move, desacomoda e ativa forças para a transformação.

Na escola, a problematização se inicia também com a escuta. Escutar o que nos dizem as crianças, jovens e adultos, que nela já ingressaram, ou os que nem chegaram a se matricular; compreender os porquês da disputa do território escolar pela extrema direita, em especial, os atuais governantes do Brasil. Aprender a dialogar é necessário para nos assumir como trabalhadoras(es) da educação que lutam por uma escola substantivamente democrática, situando-a na realidade concreta, como síntese de múltiplas relações locais, nacionais e internacionais.

Quando problematizamos a escola e outros espaços educativos; as relações micro e macro que tecem seus currículos, projetos e práticas; as ações e interações institucionais que nutrem as políticas públicas; as relações sociais tecidas no cotidiano escolar, no dia a dia da sala de aula e as mediações, que condicionam a apreensão, apropriação crítica dos conhecimentos, devemos nos questionar sobre o que entra na escola e quais os silenciamentos e/ou negações que determinam os rumos curriculares.

Dentre múltiplas perguntas que emergem, destacamos: quem somos nós – professoras e professores – nesse turbilhão de problemas e nessas situações tão complexas e desafiadoras? Qual a nossa responsabilidade em construir uma educação como prática de Liberdade? (FREIRE, 1996). Qual a formação que construímos ao longo da nossa vida, abrangendo as dimensões política, técnica, científica, metodológica, pedagógica, estética, espiritual e, sobretudo, ética e amorosa para lidar com essas questões no cotidiano da escola e da sala de aula? Não como expectadoras/es, mas, como coparticipantes de uma educação como prática de liberdade.

Pensamos com Paulo Freire (2007): a educação sozinha não mudará a escola nem o mundo e muito menos, garantirá a formação plena de nossas(os) estudantes; mas, sem ela, mudança, em uma perspectiva democrática para a qualidade social, não ocorrerá. Por essa razão a educação como ato político-pedagógico é indispensável para garantir o direito à cidadania emancipatória.

Nada disso se dará ao acaso. Será necessário um trabalho coletivo e colaborativo com educadoras(es) mediado pelo diálogo, objetivando um projeto ético de transformação social. Neste, a produção da vida humana, a dignidade, a fé, a justiça e a liberdade se consubstanciam em um bem maior, passando a integrar a estrutura social. A ética universal do ser humano e a ética da libertação na era da globalização são fundantes do conhecimento emancipação: conhecimento que compromete, orienta e liberta (FREIRE, 2007; DUSSEL, 2000; SANTOS, 2000).

Por que será que ao sistematizar as suas Pedagogias, ou Pedagogia do

Oprimido, da Autonomia, da Esperança, da Indignação, entre tantos escritos, Paulo Freire coloca como condição de humanização e, em especial, do trabalho docente, **O DIÁLOGO**? Por que ele coloca como exigência de uma prática educativa ética, o diálogo? A qual DIÁLOGO, Paulo Freire se refere?

Em primeiro lugar, precisamos nos colocar no lugar de nosso mestre Freire para entender o ponto de partida de sua visão de mundo e de sua fala. Vamos adentrar nesse cenário: Paulo Freire entende que a natureza ontológica do ser humano é de SER-Mais. Portanto, qualquer ato que negue ou cerceie esse direito, é transgressão ética; violência que fere a sua humanidade. Qualquer forma de discriminação ou preconceito de raça, gênero, etnia, classe, devem ser radicalmente explicitadas, enfrentadas, denunciadas. Qualquer ato que desrespeite o sujeito humano, não garantindo o seu direito à diferença é transgressão da ética universal em defesa da humanização. Freire reafirma em *Pedagogia da Autonomia* “Daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso, quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo [...]. O meu ponto de vista é o dos condenados da terra, os excluídos” (FREIRE, 2007, p.14).

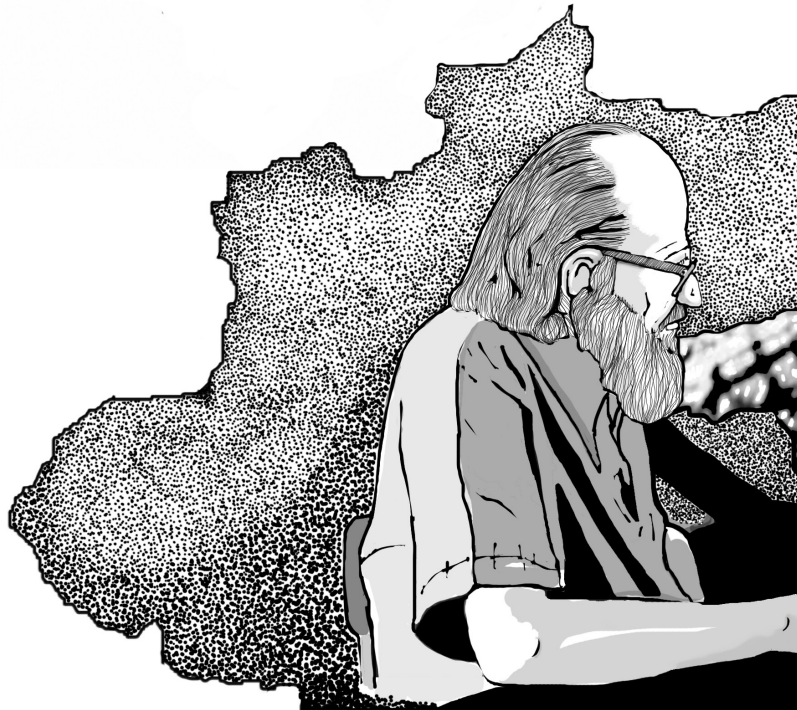
Paulo Freire reconhece e se debruça em compreender as contradições sociais, as relações de opressão e de submissão, de aprisionamento da liberdade, da privação de direitos, do esquecimento e/ou negação social das(os) oprimidas(os). Faz isso no trabalho coletivo com quem vive a dor da discriminação e negação de seus direitos à vida digna, mas também agrega forças de várias(os) educadoras(es) populares ou de outras instituições educacionais que assumem os princípios da luta por uma sociedade democrática, inseparável de um projeto educacional como prática de liberdade. Nessa perspectiva, ele chama a atenção para a nossa responsabilidade como educadoras(es): “A nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente, a minha luta é pela ética universal do ser humano” (FREIRE, 2007, p.15).

Por essa razão, a educação é um ato político que exige uma opção ética e decisões ousadas, firmes e persistentes. O território da escola é disputado por

várias forças, por vezes antagônicas. Há quem deseje manipular e adestrar seres humanos, para negar-lhes o direito a SER-Mais e estimularem um agir mecânico e acrítico. Há forças, porém, que se concretizam no fazer das(os) docentes lúcidas(os) e progressistas que atuam na desmistificação e na denúncia e, assim, buscam desestruturar a lógica das visões castradoras e manipuladoras ou mesmo negacionistas. Atores, às vezes poucos, mas, de uma energia vital tão intensa, capaz de aglutinar e renovar forças no coletivo e procuraram investir no conhecimento do mundo e da situação. São professoras e professores com outras/os trabalhadoras/es da educação que não temem assumir Paulo Freire e possibilitam a problematização de temas e problemas; investem na participação, no protagonismo crítico e criativo, possibilitando uma imersão na realidade, a sua análise, e, então, uma emersão com autonomia de pensamento e ações, **com** as(os) discentes e não **para** elas(es).

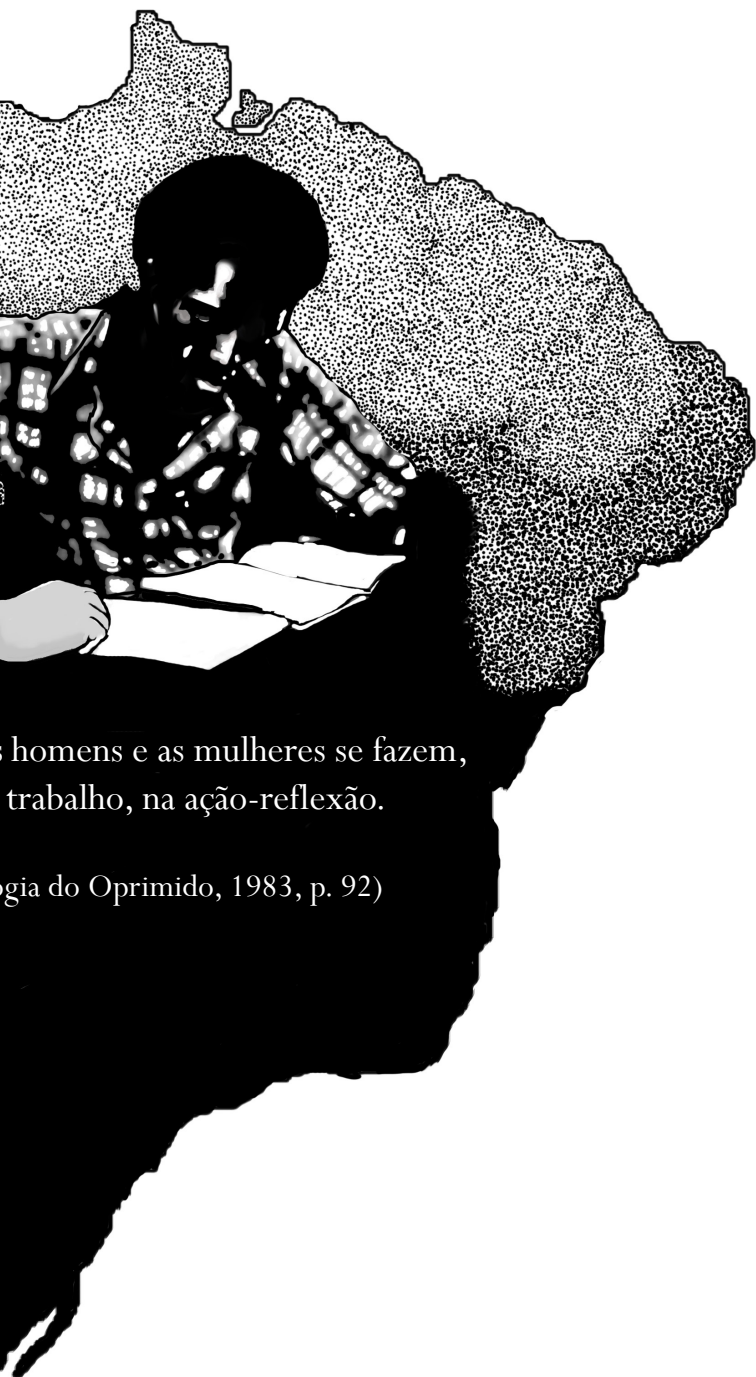
Paulo Freire explica que ensinar vai muito além de ensinar alguma coisa a alguém no sentido de transmitir uma informação ou de avaliar os conteúdos curriculares de modo linear e mecânico. Ensinar é uma ação histórica de produção da vida, de reconhecimento de si no mundo em relação uns com os outros. Ensinar é um momento criativo da formação humana no coletivo, de assunção cultural, de compreensão crítica, de denúncia, de anúncio e de reconhecimento do sujeito histórico como protagonista de uma liberdade planetária. Por essa razão, ensinar e aprender são atos dialógicos, relacionais, em que a validade do ensino está diretamente relacionada com a qualidade da aprendizagem das(os) educandas(os). “Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar” (FREIRE, 2007, p.24).

Por tudo isso, precisamos estar atentos ao que está sendo ensinado, como ensinamos, quais as bases epistemológicas que sustentam aquilo que é objeto do trabalho docente com os discentes. O desvelamento ideológico, da razão de ser dos conhecimentos que entram na escola, das atitudes permitidas, dos relacionamentos



Não é no silêncio que os
mas na palavra, no

(Paulo Freire, Pedago



homens e as mulheres se fazem,
trabalho, na ação-reflexão.

gia do Oprimido, 1983, p. 92)

construídos, daquilo que se considera “pensar certo”, podem também tornar claras as verdades e inverdades: verdades que libertam e pseudoverdades que escravizam. “[...] a prática educativa de opção progressista jamais deixará de ser uma aventura desveladora, uma experiência de desocultação da verdade” (FREIRE, 1999, p.9). É por essa razão que a história de vida dos sujeitos históricos constitui um dos elementos mais democratizantes do currículo da escola. “O respeito aos saberes de experiência feitos precisam estar no cotidiano das práticas educativas. “O respeito a esses saberes no horizonte maior em que eles se geram – o horizonte do contexto cultural que não pode ser entendido fora do seu corte de classe [...]” (FREIRE, 1999, p. 86). Essas verdades, a serem desveladas no processo educacional, necessitam que sejam trazidos à tona seus fundamentos, implicações e consequências. Não há lugar para “achismos” ou “blá, blá, blá” sem ancoragem em uma perspectiva emancipatória de educação e sociedade.

Por essa razão, o diálogo entre os sujeitos humanos é um constitutivo fundamental na Pedagogia freireana. Ensinar exige o diálogo, coloca Paulo Freire como condição necessária à prática docente.

O Diálogo, para Paulo Freire, vai além de uma descrição etimológica, oriunda da Grécia Antiga ou de uma visão intercomunicacional que, por vezes, é assumida por diferentes perspectivas ideológicas. O diálogo pode ser perigoso, quando o seu uso corriqueiro é vulgarizado como jargão de apaziguamento e neutralização de conflitos, evitando-se desvelar os motivos mais densos de situações problemáticas. Parece que se usa a palavra diálogo como uma varinha mágica para negar reais e justas divergências que precisam, no e pelo diálogo serem explicitadas, compreendidas, trabalhadas e superadas.

Ousamos acreditar e esperar que professoras e professores, ao assumirem o diálogo como um constitutivo inseparável das práticas pedagógicas, estarão transformando esse espaço de trabalho e se tornando pessoas melhores, pois, colaborando com a formação plena de suas/seus estudantes.

1. O DIÁLOGO COMO ATO DE CRIAÇÃO PARA A LIBERDADE

Paulo Freire parte do seguinte pressuposto: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p.92). O diálogo é palavra, é práxis e se faz na relação entre sujeitos humanos. O encontro de homens e mulheres mediatizado pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgota em uma relação comunicacional, traduzida na relação eu-tu. “O diálogo é um ato de criação” (FREIRE, 1987, p. 79).

Criação e liberdade são inseparáveis; criar novas formas de interagir, de constituir um coletivo forte capaz de superar as relações opressoras. “A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens e **das mulheres**” (grifos nossos, FREIRE, 1987, P.79).

Paulo Freire chama a atenção que o fundamento do diálogo é o amor (Idem, p.8). A supressão da relação de opressão é necessária para que o amor seja restaurado. Sem um profundo amor pelos sujeitos humanos e uma fé imensa na sua capacidade de SER- Mais, não é possível o diálogo. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens e **as mulheres**, não me é possível o diálogo” (grifos nossos, FREIRE, 1987, p.80).

“Não há palavra verdadeira que não seja práxis” (FREIRE, 1987, p. 77). O verbalismo sem sua correspondência na luta, na práxis revolucionária é feito de palavras ocas, vazias. Não se pode esperar que estas resultem em compromissos com a transformação e a liberdade. Não há denúncia verdadeira sem compromisso com a transformação, com a superação das relações opressoras, sem o fortalecimento da fé, do amor e da esperança. Por essa razão, não existe o diálogo sem a problematização do mundo, dos sujeitos no mundo e da construção de estratégias

libertadoras, emancipatórias. É necessário se romper com a esquizofrenia histórica de que homens e mulheres precisam “sentar para dialogar” no sentido de neutralizar ou mascarar conflitos e situações opressoras. Dialogar desvela; explicita diferenças, divergências e abre espaços para análises contextualizadas, para além de personalismos, doutrinação ou doação e concessões. A crítica e criação de mãos dadas com a ética são a energia existencial das relações dialógicas.

Esse olhar do diálogo como método e finalidade nos abre possibilidades de desvelamento da realidade, de interpretação das situações opressoras, de vigilância ética e de reconhecimento da prepotência, arrogância e autossuficiência como incompatíveis com o diálogo. Os homens **e as mulheres** que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus (suas) companheiros(as) de pronúncia de mundo; não conseguirão assumir como seus os princípios de uma luta por uma educação como prática de liberdade, integrada a um projeto de sociedade digna, fraterna e justa. O diálogo exige confiança entre os seres humanos envolvidos nesse projeto emancipatório. “A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. [...] Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens **e as mulheres** é uma mentira” (grifos nossos, FREIRE, 1987, p. 82).

Para Paulo Freire, o diálogo é “uma exigência existencial”, não apenas de um indivíduo no coletivo, mas, de seres que, em relação uns com os outros, pensam sobre si mesmo no mundo e com o mundo, em uma situação coletiva. Se o diálogo é “o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes” (FREIRE, 1987, p.93).

Por que o Diálogo na perspectiva freireana, sendo o encontro de homens e mulheres que pronunciam o mundo, não pode jamais ser um ato de doação de uns aos outros, nem meros encontros de conversação amigável? O diálogo é con-

quista coletiva; é construção na caminhada; é um verdadeiro encontro histórico, definido por existências reais, com dores, alegrias, sonhos, medos e ousadias, mas, sobretudo esperança de poderem realizar um ato de criação coletivo. Nem sempre é algo amigável, mas precisa ser respeitoso. É complexo, desafiador, por essa razão exige a prática da “ouvirtude” (FREIRE, 2007). É nesse processo criativo que os sujeitos humanos se fazem como tais e se refazem; reconhecem que são incompletos, inconclusos e inacabados e só se humanizarão na relação ética da própria criação. Essa é a possibilidade da conquista do mundo para a libertação e constituição dos seres humanos. Paulo Freire ressalta que o homem e a mulher dialógicos têm fé nos sujeitos humanos, antes mesmos de se encontrarem frente a frente com eles em situações reais. Só quem ama de verdade e se disponibiliza a escutar o outro, respeitando-o como igual; só quem tem fé profunda, não teme a liberdade; muito pelo contrário, investe na transformação das relações opressoras que tentam destituir o ser humano da sua capacidade de sonhar e assumir ser livre. O diálogo é um ato amoroso que aproxima pessoas, não para igualá-las, mas, para reconhecerem na igualdade a substância humanizadora de sua natureza e afirmarem o direito às diferenças, como condição sine qua non da humanização do ser humano. “[...], não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade” (FREIRE, 1987, p. 82).

2. ENSINAR E APRENDER EM UMA RELAÇÃO DIALÓGICA.

Ensinar e aprender, em uma visão dialógica, não são ações fáceis. São sujeitos reais que interagem e constroem relações sociais dentro e fora de sala de aula, em espaços escolares e não escolares. Uma educação como prática de liberdade tem como fundamento o diálogo para se concretizar como tal. No processo dialógico, se explicitam diferentes visões de mundo; histórias reais são contadas, saberes de experiências feitos vêm à tona ou são ocultados e precisam ser explicitados; confiança precisa ser gerada, pessoas necessitam ser reconhecidas como tais. Experiências aflorarão e a compreensão delas poderá ser ingênua ou parcial. Na relação dialógica podem ser criadas e recriadas redes de relações e interações que possibilitem um olhar mais ampliado do mundo: das singularidades, pluralidades, fragmentações e possibilidades de religações. Problematizar os problemas de modo interdisciplinar e/ou transdisciplinar se configura como estratégia de compreensão mais profunda da realidade. O diálogo abre possibilidades para a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica, pois, a conscientização é por sua natureza um ato coletivo de compreensão crítica de mundo, no mundo, com o mundo e com os sujeitos que assumem seus lugares no cosmos. A sustentabilidade do desenvolvimento planetário se funda no diálogo dos homens e mulheres entre si e dessas(es) com a natureza e a própria cultura (FREIRE, 1987; MORIN, 2010 a).

O Diálogo é uma experiência plural, complexa, que interliga pensamentos, sentimentos e ações. Através dele essas experiências, saberes, pontos de vista ou práticas que por alguma razão foram fragmentados podem ser religadas em uma perspectiva de humanização e sustentabilidade do desenvolvimento local, nacional, internacional e planetário. Para a compreensão do mundo atual, da globalização de mercado e dos impactos das tecnologias da comunicação e da infor-

mação, pensar linearmente já não dá conta. São múltiplas as tessituras em rede, e na perspectiva de rede, de ligações e religações, de identificação dos nós e dos núcleos geradores das informações, que poderemos aprender a pensar a complexidade com as suas próprias ferramentas de rupturas paradigmáticas. Pensar o complexo com a própria complexidade. A pluralidade, as diferenças, as singularidades, mas, sobretudo o que é capaz de ligar e religar os seres humanos e a natureza para a sustentabilidade do desenvolvimento da nossa mãe Terra, é que definirá a capacidade do ser humano de se realizar na liberdade. (MORIN, 2010a; 2010b).

Como aprender a dialogar no cotidiano escolar?

Vamos construir o caminho caminhando, como afirmam Freire e Horton (2009), mas, algumas pistas podem ajudar nesse processo dialógico. Em primeiro lugar, se observe como ser humano, compreenda a sua história de vida e quais aspectos interferem na sua atuação profissional; em seguida, procure identificar o seu papel e função no trabalho educativo que exerce na instituição; a partir dessa visão, avalie quem é você: o que pensa, sente, faz e em qual projeto de educação e de sociedade está engajado e/ou desejaria se integrar e colaborar? Pergunte a si mesmo: o que tem feito de concreto para avançar na concretização desse projeto e como se relaciona com suas(seus) educandas(os) e suas(seus) colegas de trabalho? De quais iniciativas participa para trazer a família à escola e como mobiliza ações para formar grupos de reflexão e tomada de decisões? Pense um pouquinho mais: quais as possibilidades, limites e reais dificuldades a serem enfrentadas para que isso possa acontecer? Quais os seus próprios medos, equívocos a serem superados e a quem pode ter confiança para pedir ajuda nesse processo? Quem é você na relação com seus estudantes? Como você desenvolve um processo de ensino para que os discentes se tornem seres humanos melhores, mais solidários, dignos e justos? Como trabalha o conhecimento, garantindo o desvelamento da sua gênese, dos valores que articulam, dos interesses em jogo e das suas finalidades sociais?

Muitas questões podem surgir. O importante é cada professora(or) se situar como sujeito histórico no mundo e com o mundo, colocando os pés na escola; sujando as mãos e os pés de barro para, de fato examinar o solo onde pisa.

Esse olhar não é linear, com certeza você estará tecendo com os fios da sua subjetividade e das condições objetivas em que está inserida(o) uma rede que, aos poucos, deixará de ser apenas sua para ser uma tessitura coletiva, se você conseguir se relacionar com seus pares e investir na formação de um coletivo pedagógico reflexivo, atuante, amoroso, determinado, cuja coragem se define na com-paixão (FREIRE, 2007). Trabalhar com alegria, vigor, apaixonada(o) pelo que faz alimenta e fortalece as ações coletivas na escola e revigora cada ser humano na sua individualidade.

A(O) educadora(or) é um sujeito único com suas subjetividades e modos de viver e conviver em diferentes grupos e lugares. Porém, ao abrir-se ao diálogo e desejar de fato exercê-lo não é autossuficiente para isso. Precisa reconhecer-se na humildade e ser generosos consigo e com os outros. Vivenciar processos comunicacionais abertos, francos e geradores de camaradagem já é um bom começo. Porém, não podemos confundir esses passos do caminho com a trajetória dialógica na escola à luz de Paulo Freire. O Diálogo freireano vai mais longe: gestoras (es), professoras(es), funcionárias(os), estudantes e suas famílias precisam estar juntos para pensarem o projeto de educação, de escola e reconhecerem o seu lugar nesse projeto para assumirem um protagonismo crítico e criativo, aglutinador de forças. O diálogo entra com Paulo Freire na Escola, quando a escola decide estudar Paulo Freire e se fundamentar em seus ensinamentos para iluminar as práticas educativas cotidianas e reorientar o currículo. Por essa razão, o compromisso de cada sujeito humano na escola se expande: quando as(os) docentes com as(os) discentes se reconhecem como co-laboradores da apreensão e apropriação crítica do conhecimento. Constroem também acordos de colaboração e investem na experiência ética de agir com a(o) outra(o) como irmã(o) e passam a avaliar as situações em uma perspectiva de totalidade social, superando as formas iso-

lacionistas ou negativistas de se conceber o ethos e a própria ética. A defesa da igualdade social que abre os braços às diferenças afirma a ética da libertação na era da globalização e consolida a produção da vida humana em uma visão planetária (FREIRE, 2000; SANTOS, 2000 e DUSSEL, 2000).

O mundo já está na escola: a escola é espaço social repleto de contradições; é território contestado de disputas ideológicas e, por muitos governantes, é locus de burocratização de mentes. Não podemos admitir isso. Paulo Freire e várias(os) estudiosas(os) que defendem a educação como prática de liberdade, de humanização do ser humano, de produção de vida precisam entrar na escola. Mas, não com achismos. Se assumirmos o diálogo freireano como norte de nosso trabalho docente, precisaremos estudar muito, pesquisar, redefinir, desconstruir, edificar, projetar, defender arduamente a democracia ao longo de toda a nossa vida: fazer da educação a nossa companheira para sempre. Se acreditarmos nisso, se assumirmos esse paradigma, então, não poderemos deixar o diálogo para depois. Precisamos começar agora a nos reconhecer sujeitos da história, coirmãos coirmãs e nos juntarmos em um coletivo que se exerça como coletivo freireano, corrigindo rumos para aprender a pensar, sentir e agir coletivamente, sem perder a singularidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho se faz caminhando com cada uma(um) de vocês: professoras(es) e demais trabalhadoras(es) da educação. O que desejamos? O que estamos dispostas(os) a fazer juntas(os)? Por onde começar e/ou continuar a construir esse projeto de educação emancipatória?

Integrem Paulo Freire ao cotidiano da escola; estudem, compreendam a sua Pedagogia; exercitem o diálogo como mediador das relações micro e macro, dentro e fora da sala de aula, com a sua família, amigas(os), gestoras(es), colegas de trabalho, funcionárias(os), mas, em especial, com suas(seus) estudantes e famílias.

A escola com Paulo Freire consolida o compromisso com uma educação como prática de liberdade; exerce o diálogo e produz conhecimento que compromete e emancipa. Não há espaço para ingenuidade. Vamos fortalecer o coletivo pedagógico para não deixar nenhum intruso mal-intencionado “burocratizar mentes” (FREIRE e HORTON, 2009) e invadir a escola com falsas promessas que buscam cercear direitos e desumanizar. Vamos lutar pela vida, por uma educação substantivamente democrática, por uma escola que trabalhe um currículo descolonizado, fundado na Ciência e Tecnologia para a qualidade social, que produza alegria, amizade, esperança e desejo de ser um eterno aprendiz. Uma escola que seja gerada na fé e no amor à gente, a todas as gentes, aos animais não humanos, às plantas, à natureza plena. Uma escola tão cheia de vida que todas e todos possam vivenciar a maravilhosa aventura de uma existência plena, digna, fraterna e justa: **dialogando.**

AGRADECIMENTOS – À Dra. Natalia de Souza Albuquerque (USP-SP) e a professora Inez Fornari (CPFREIRE), pela revisão do texto e pela equipe da Editora Construir que possibilitaram a sua publicação. Esperamos ampliar esse diálogo através de e-mail, lives, entre outras mídias.

REFERÊNCIAS

- DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão*. Petrópolis/RJ:Vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- _____. *Pedagogia da Esperança- um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Educação como Prática da Liberdade*. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo e MYLES, Horton. *O Caminho se faz caminhando*. 5 ed. Petrópolis/RJ:Vozes, 2009.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010 (a).
- _____. *Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010(b).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. "Para uma teoria crítica pós-moderna" In: _____. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, SINTEPE e o SINPROJA, de mãos dadas, com os(as) professoras(es) do Estado de Pernambuco, agregarão, a essas celebrações uma nova e mobilizadora energia educativa, pois, estes/estas com o seu trabalho cotidiano alicerçam a educação, abrindo trilhas para tantos brasis em nosso Brasil. Caminhando com Paulo Freire reafirmaremos a educação como ato político, comprometido com a qualidade social, com a vida, em síntese, com a ética universal do ser humano.

Através de artigos e textos, fundamentados na vida e obra de Paulo Freire, vivenciaremos um diálogo multidimensional e, conhecendo-o melhor, poderemos descobrir, desvelar e/ou reafirmar a necessidade da sua presença na escola, e coprodutora de uma existência digna, fraterna e justa. Vamos, de mãos dadas (Freire, 1987), mudar “a cara da escola”. Será uma “belezura! (FREIRE, 2007).

Os olhos do mundo, em 2021, estarão voltados para o Recife – Pernambuco, cidade natal de Paulo Freire, pois, o seu centenário significa renascimento, produção de vida, resistência, denúncias e anúncios, em especial, é um centenário de **ESPERANÇA**.